

Robert Kramer, um presidente americano:

Destruir o imperialismo dentro e fora de nós

SUBEMOS QUASE que por acaso que Robert Kramer estava por uns dias em Lisboa. Vindo de Cannes, de regresso aos Estados Unidos... de onde, nos últimos anos não tem saído tal a pressão do trabalho de "organização" que leva a cabo com os "camaradas". Assim no-lo disse, quando o fomos descobrir entre uma sessão de Conselhos Revolucionários, uma visita a uma aldeia perdida do centro do país e umas conversas com a gente de cinema — que ele insiste em não considerar seus iguais. É que, diz, não consegue ver-se como cineasta, mas sempre e só como "revolucionário socialista e anti-imperialista" que faz cinema. Apesar disso, o seu último filme apresentado agora em Cannes e que — caso excepcional — foi selecionado por dois dos júris do Festival — provoca longas e insistentes bichas à porta do cinema que o exhibe. E "Milestones" — história dos americanos que, nos anos 60, procuraram viver vidas diferentes — dura quase quatro horas.

EXPRESSO — Sei que V. vem de Cannes onde foi para apresentação do seu último filme "Milestones" que foi exibido — oíço dizer que com enorme sucesso. Porque é que decidiu vir a Portugal, por mera curiosidade ou tem planos para fazer cá alguma coisa?



EXP — Veio portanto para perceber a situação política portuguesa.

R.K. — Sim, ela é muito mal conhecida nos Estados Unidos.

EXP — E por que lhes interessa tanto compreender a situação portuguesa? Em que medida ela pode interessar à luta da esquerda americana?

R.K. — Interessava-me porque é uma situação revolucionária cuja análise crítica nos ajuda a combater o imperialismo americano. Parece-me que há muita esperança em Portugal. A nós interessa-nos tudo o que é progressivo e neste momento acontece aqui a toda a hora coisas progressivas. Sobreretudo queremos perceber o exército, o MFA. E os partidos e suas relações com os movimentos de massas.

Qual é a luta em Portugal?

EXP — Atendendo a que as situações são tão diferentes (em geral e o papel do exército, dos partidos etc.) o que é que, daquilo que viu, V. acha que pode ser útil para nós?

R.K. — Não sei. O que interessa é que nós partimos dum ponto para a nossa análise: que o imperialismo americano é um sistema mundial. É um facto que o controle por ele exercido é o que impede os povos do mundo de terem um desenvolvimento revolucionário. Esse imperialismo enfraquece à medida que se distancia dos Estados Unidos. Temos

o exemplo do Vietname. Há muito a aprender com a guerra da Indochina, não apenas no que diz respeito à organização dos vietnamitas mas na medida em que ali se deu uma importante derrota do imperialismo americano. No Terceiro Mundo, ele está muito fraco. De qualquer modo, qualquer ponto do globo onde se luta contra ele nos interessa. No que se refere a Portugal, queremos perceber por que é que realmente se luta. Se é simplesmente por tornar Portugal uma parte da Europa avançada — caso em que, de uma forma ou de outra, entraria na esfera do imperialismo americano — ou se se trata de uma luta anti-imperialista.

EXP — E o que concluiu?

R.K. — Que se tenta que seja este segundo caso. Mas subsistem muitas contradições. Parece-me que, depois de um ano, a luta política está atingindo certos pontos críticos. O papel do Partido Comunista, muito virado para a URSS, sua articulação com o MFA, com os partidos de esquerda... Seria uma presunção da minha parte tentar qualquer espécie de avaliação definitiva... mas levo para os meus camaradas a convicção de que existe aqui potencialmente uma autêntica luta revolucionária do povo e que aconteceram já coisas que poderão virar a actual sociedade de pernas para o ar.

Uma luta contra o tempo

R.K. — Não só a dinamização cultural do MFA, como os Conselhos Revolucionários, toda a espécie de alianças que o MFA está tentando fazer directamente com a base... É parece-me que aqui há sobretudo uma luta contra o tempo. Muitas coisas terão de acontecer muito depressa visto que o contexto, quer interno quer sobretudo externo contém elementos que quererão atrasar a revolução.

EXT — Se as coisas não acontecerem suficientemente depressa...

R.K. — O MFA tem de se tornar um movimento de libertação, fazer despertar a consciência política de todo o povo, os militares, os quadros, todos. Ao mesmo tempo as pessoas têm de se entregar, tentando perceber de interesse nela. Tudo isto tem de passar-se num contexto em que o imperialismo é um ídolo, um ídolo que tem planos de como entrar em Portugal, de como atrair partidos como o P. Socialista...

EXP — Do seu conhecimento interno do imperialismo americano, como pensa que ele poderá interferir em Portugal? Fala-se de intervenção armada, fala-se de boicote económico...

R.K. — Da experiência recente,

com este caso do Camboja, parece claro que num período em que o imperialismo americano se sente muito ameaçado e sofre terríveis derrotas, por reacção poderá ter as mais inesperadas atitudes. Quer por pensar que tem de manter o respeito do mundo, quer por sentir os seus interesses directamente ameaçados... Por isso parece-me correcto preparar as pessoas para o pior, até uma invasão física concreta. Enquanto se mantiverem em Portugal resquícios de capitalismo, continua a haver uma base para intervenção... Contra isto há, por outro lado, um profundo sentimento do povo americano contra qualquer espécie de intervenção americana no exterior... Por isso eles preferirão talvez intervir indirectamente a nível económico, através de um país europeu, até, da França, da Alemanha, da Inglaterra ou através do Japão.

EXP — Mas qual seria, no seu entender, a justificação oficial para uma intervenção americana no nosso país?

R.K. — Por exemplo, o facto de os segredos da NATO estarem em perigo... Não sei, é uma hipótese. Disse-me por exemplo que as acções do MRPP podiam provocar a reacção americana com base na protecção dos seus súbditos. Eu acho que é preciso muito mais do que isso para que aconteça, mas pode acontecer...

EXP — Eu sei que, em todas as fases da guerra do Vietname nós subes-

timámos a vontade de luta do imperialismo. Pensávamos que não havendo diplomaticamente razão para continuar a lutar, não o faziam... E continuavam. Os vietnamitas é que nunca os subestimaram...

Na campanha de esclarecimento que iremos empreender agora nos Estados Unidos alertaremos as pessoas para o perigo de uma intervenção física dos Estados Unidos em Portugal e do mal que isso seria...

EXP — V. falou do enfraquecimento do imperialismo em vários pontos do globo, falou, por outro lado, da oposição do povo americano, a novas formas de intervenção americana. Quer isto dizer que o imperialismo americano está a acabar ou que está apenas a mudar de face, a encontrar nova forma?

R.K. — O imperialismo está a acabar, tem de acabar. Ele é a última forma de dominação, de exploração do homem pelo homem. Mas não sei calcular em termos de anos, não sei se será durante a minha vida ou a sua...

EXP — Mas acredita que um dia a América terá deixado de ser imperialista?

R.K. — Acredito que um dia teremos a oportunidade de ter a nossa revolução, como os outros. Não acredito que o imperialismo "regresse" calmamente, que se converta devagar numa sociedade democrática... Será preciso um levantamento social total.

«Revolucionários anti-imperialistas»

EXP — Como será possível uma revolução num país tão grande e diversificado como é a América? E qual é essa nova face da América que você imagina?

R.K. — Nós chamamo-nos a nós próprios revolucionários anti-imperialistas. O que quer dizer que temos duas frentes de luta. Uma contra o imperialismo, outra pela revolução socialista. E não é possível uma revolução que envolva todos os americanos de uma maneira autêntica se o imperialismo não tiver sido primeiro completamente aniquilado, sobretudo pelos povos do Terceiro Mundo.

O imperialismo tem uma maneira de dar tanta prosperidade, tanta satisfação, tanta liberdade (económica) aos americanos, a partir da exploração dos povos do exterior, que tal estratégia tem sido até agora bem sucedida no sentido de dividir o nosso povo, parte do qual suporta um sistema que lhe traz vantagens.

EXP — Qual é a América por que V. luta?

R.R. — Uma América comunista.

EXP — Mas isso não tem que ver com o Partido Comunista Americano para vocês, pois não? Se pretende uma América comunista, por que não apoia o Partido Comunista?

R.K. — É que o nosso Partido Comunista é uma velharia. Desempenhou um papel importante no passado, tem uma história corajosa de luta. No meu tempo é

pragmático, com tendências anarquistas, saudável mas não muito forte ideologicamente... EXP Sem organização nacional e sem líderes.

R.K. Houve algumas personalidades importantes mas nenhuma chegou a representar o conjunto do movimento. Havia muitas pequenas organizações e a maioria de todas foi de facto o SDS. Durante esse período, aquilo a que chamamos a "velha esquerda" — a esquerda antes de nós formada pelo Partido Comunista, o Partido Socialista dos Trabalhadores, o Partido Socialista tiveram um papel bastante irrelevante. Eles tiveram o seu papel em certas fases da luta mas ninguém se sentia obrigado a ingressar nas suas fileiras.

EXP Esta foi portanto a "Nova Esquerda" (New Left). Quando V. diz "nós", quando V. diz "os meus camaradas" ou "o meu grupo" a que se refere V. exactamente?

R.K. Refiro-me a uma certa forma de camaradagem desenvolvida no período a que já me referi, semelhante à que vocês desenvolveram cá durante o período fascista e que se traduzia em redes, nem sempre clandestinas o nosso movimento foi sempre bastante orgânico de pessoas com a mesma ideologia que trabalhavam juntas em tempos e lugares diferentes. Juntavam-se assim às vinte ou trinta, iam para o campo realizar um projecto comum. Baseava-se de facto em relações de camaradagem no sentido em que se tratava de pessoas que tinham compartilhado experiências, o que era ao mesmo tempo a sua fraqueza, porque apoiava-se muito no espírito de amizade, uma espécie de clubes de velhos amigos, em detrimento de uma organização real. A maior parte dessas pessoas vieram de movimentos estudantis que, por nunca terem desenvolvido formas de organização extra-universitárias, se espalharam sem estruturas organizativas.

A nova esquerda

EXP Se não é o Partido que mantém viva a semente da revolução nos Estados Unidos então quem é?

R.K. As formas que toma a vida política nos E.U. são totalmente diferentes das daqui. Havia nos anos sessenta um movimento de massas muito militante que, no entanto, não tinha nenhuma organização central. Havia uma organização de massas estudantil que era o SDS (Students for Democratic Society) mas para além dele havia muitos "projectos organizativos", como nós lhes chamávamos. Assim por exemplo, eles surgiram em comunidades pobres onde os militantes iam para contactar com as pessoas e assim criavam organizações totalmente independentes das instituições que lutavam pelas necessidades básicas da comunidade.

EXP Havia uma ideologia comum a esses grupos? Eram de inspiração marxista, por exemplo?

R.K. Não eram marxistas. Eram anti-imperialistas (contra a guerra do Vietname contra as intervenções americanas no estrangeiro), eram anti-racistas...

EXP Pacifistas...

R.K. Algumas sim, mas não todas. Eram todas muito próximas das lutas revolucionárias do Terceiro Mundo e dos negros americanos. Era marxista apenas no sentido em que era materialista, contra a exploração, mas não num sentido apenas económico.

EXP Entrava também a componente de libertação sexual?

R.K. Nem sempre, mas para o fim dos anos sessenta, isso era já comum a quase todos. Ao mesmo tempo, havia todo um conjunto de ideias utópicas e comunitárias, pessoas vivendo juntas a tentar suplantar os limites da "família burguesa"... Foi um movimento muito denso: era muito militante.

A «nova esquerda» renovada

EXP — Isso era nessa altura. Mas agora o que é "nós" para si?

R.K. — Hoje "nós" são pessoas ao longo da costa oeste dos Estados Unidos que são aquelas a quem levei, por exemplo, imediatamente as informações que levo de Portugal. São pessoas que trabalham em jornais, que os editam, que trabalham em comunidades com pessoas, alguns pertencem mesmo a organizações. Essas comunidades hoje dedicam-se todas à formação de quadros, em ligação com diversas organizações. O trabalho consiste em descobrir as necessidades das pessoas, tentar perceber qual a forma de propaganda adequada para levá-las a adquirir uma certa perspectiva política, em resumo, descobrir a forma de mobilizar essas energias com objectivos políticos. Por um lado, procura-se atender às suas carências essenciais e ao mesmo tempo organizá-las politicamente. Isso aqui será o equivalente ao trabalho das comissões de bairro. A partir de 71/72, desenvolveu-se na América um trabalho de formação política e ideológica, o que não existia nos movimentos dos anos sessenta. Sentimos que não podíamos mais continuar a pretender resolver as coisas só com a imaginação, precisávamos de um orientação ideológica que nos desse solidez. Houve então um impacto do marxismo-leninismo em toda a esquerda, incluindo nos movimentos de mulheres e todos tiveram que pensar em termos da sua localização em relação às correntes principais da revolução mundial. Houve aqui, simplifcando, duas orientações. Uns achavam que era preciso fundar um novo Partido Comunista — estes incluíam grupos que podiam ir do correspondente do MRPP até

Cinema fama de militância

EXP — Como chegou ao cinema?

R.K. — Vivi dois anos num "ghetto" negro em Newark. Um dia vieram umas pessoas fazer um filme sobre a nossa comunidade. Vi-os trabalhar e fiquei impressionado. Foi em 1965. Um amigo meu que, tempos depois, veio ter comigo para eu lhe ajudar a escrever o argumento para um filme sobre os movimentos de guerrilha da Venezuela. Epaunto eles fizeram o filme, fui observando e — com a típica arrogância americana que acha que nada é impossível — achei que também podia fazer um filme. Com um grupo de amigos, tentámos arranjar dinheiro para fazer um sobre o Vietname. Foi impossível, então pensamos num com três histórias, uma feita por cada um. Depois acabou por ser só a minha que se fez, eles filmaram e sonorizaram. Foi o meu primeiro filme. "In the country". Era a história de um casal que vivia numa casa de campo, ele tinha-se reformado da actividade política, sentia-se mal, por isso e toda a vida dele estava envenenada por esse facto, encerrando-o numa relação a dois totalmente destruída... Quando o mostrei, houve muita gente que achou interesse no filme, fiquei espantado. Então decidi logo fazer outro, "The Edge"...

EXP — Explique-me lá como é que isso funciona em termos de produção, de financiamento... E depois de distribuição...

R.K. — O primeiro foi com o nosso último dinheiro pessoal... Custou quatro mil dólares. Quanto à distribuição havia uma de "underground" que tinha começado nessa altura que pegou no filme e o exibiu sobretudo em universidades, em grupos... Depois "The Edge" — que foi em 35mm, porque o primeiro tinha sido em 16mm —

Um cineasta tem de inventar a sua inserção na revolução

EXP — Esse período acabou?

R.K. — Acabou exactamente porque fizemos "Milestones". A medida que fizemos o filme percebemos as limitações e as contradições da vida que ali descrevíamos e que era a nossa no momento. E sentimos que uma vida assim podia continuar eternamente e que isso seria muito mau. Por isso eu gosto de vermos "Milestones" mas não gosto que me identifiquem com ele. Aquele filme não é a minha posição, nem pretende apresentar conclusões. É uma maneira que nós temos de conversar com as pessoas sobre aquilo... Quando começamos o filme, éramos mais sensíveis aos aspectos positivos e admiráveis da cultura de resistência: a tentativa de traduzir as convicções políticas na vida do dia a dia, sobretudo nas relações com as crianças, entre homens e mulheres, a busca de formas de vida colectivas... Quando acabámos, os limites dessa forma de vida, eram-nos mais evidentes... E ao vermos o filme, percebemos os problemas e de situação dos trabalhadores de cinema cá e na esquerda americana.

Não há revolução política sem revolução cultural

EXP — Dos contactos que teve cá com cineastas portugueses, que conclusões tirou quanto à semelhança ou dissimilhança de problemas e de situação dos trabalhadores de cinema cá e na esquerda americana?

R.K. — É difícil para mim julgar a situação dos cineastas aqui. Há uma procura de descobrir novas formas de trabalhar colectivamente, mas com muitas

A cultura da resistência

EXP — Parece-me que há uma diferença importante entre as comunidades americanas dos anos sessenta e as actuais. É que as primeiras parece que se constituíram para encontrar uma forma de vida exterior ao sistema, paralela a ele, mas sem tentarem mudá-lo. Ao passo que agora dá a impressão que os grupos de V. fala acreditam que podem intervir no sistema e mudá-lo, deixam de haver essas formas de vida que se queriam eternamente paralelas?

R.K. — As vezes sinto-me frustrado quando tento descrever o que se passa na América, é tão estranho. As comunidades paralelas que se formaram nos anos sessenta foram uma parte muito importante do processo que se desenvolveu na América... EXP — O seu último filme "Milestones" é sobre essas comunidades, não é?

R.K. — Sim e não, mas já lá chegaremos. Na América há algumas pessoas mas muito, muito poucas que pensavam de facto que a América era uma merda e iam viver a sua vida porque não acreditavam que podiam mudá-la. Havia um grupo muito maior que dizia: temos de mudar nós primeiros para podermos lutar depois e diziam também que, se fossem viver outra maneira, arrastariam mais pessoas e poderiam influenciar os locais onde vivêssem, ajudando-a a

mudar a sua relação com o sistema de produção.

Tudo isto originou um novo universo cultural. "Milestones" é sobre ele. Não se tratava propriamente de uma cultura alternativa mas era uma cultura que nos sustentava. Poucas pessoas que dela partilhavam se encaravam como tendo construído uma ilha no meio do sistema. Em "Milestones" é nitido um certo sentimento de culpa que era comum a essas pessoas... De qualquer modo, nós criámos de facto uma nova cultura, uma cultura de resistência. Nem toda a esquerda dela participou, como por exemplo o Partido Comunista. Mas ela atinge zonas enormes. É possível encontrá-la espalhada por todos os Estados Unidos, ela atinge os movimentos de mulheres, chega a Hollywood e dela saíram os elementos que formaram as organizações revolucionárias clandestinas americanas. Assim por exemplo, onde quer que o Symbionese Liberation Army ou o Patricia Hearst encontram cobertura. Esta cultura é importante mas não é a verdade revolucionária.

EXP — A nós parece extraordinário que organizações revolucionárias ou de contra-cultura disponham facilmente dos meios financeiros e dos apoios para fazerem tudo o que querem... De certo modo beneficiam do sistema.

R.K. — É uma das contradições do imperialismo. Para fazer o que quer que tem de manter toda a gente satisfeita. Por isso

custou oito mil dólares. Barato, como vê. Era só pagar o material e assim...

Mas de repente percebemos que nos estávamos a tornar homens de cinema, que estávamos em perigo de perder o contacto directo com a realidade política... Então fundámos o "Newsreel", uma organização que só produzia documentários políticos, filmes produzidos com rapidez que não serviam ao material do trabalho e propaganda aos militantes. Foi assim que em 68/69 um grande grupo de pessoas desenvolveu a sua acção em torno disto, desenvolvendo ao mesmo tempo um novo sistema de distribuição... O que se chama "underground" não era satisfatória para nós, não atingia as camadas que nos interessavam... Distribuía sobretudo filmes experimentais e "artísticos" para camadas intelectuais. Nesta altura nós passávamos meses a estudar a distribuição ideal para cada filme: como atingir os trabalhadores, o terceiro mundo, todos os estudantes... Competia a cada um encontrar os contactos e os meios para que o seu filme fosse visto por todos os possíveis interessados.

EXP — Portanto V. é homem de cinema porque é militante... Mas definir-se actualmente a si próprio como um cineasta?

R.K. — Como lhe disse, não

tenho qualquer relação com o mundo do cinema, com de si industria. Agora, quando vive de ir a Cannes, pós-se-me pela primeira vez o problema de me encarar como um homem de cinema, de assumirmos finalmente esse papel de trabalhadores culturais e ligarmos a outros que o são, inclusivamente estabelecer alguns contactos com a própria indústria a determinado nível. Acabar com esta espécie de esquizofrenia que faz com que, por exemplo, as pessoas com quem vivo quase ignorem que eu faço cinema... É isto é produto de um certo medo doento em que a gente vive de que qualquer actividade nossa seja chupada pelo grande sorvedouro do smoo, por isso calamo-nos, disfarçamos...

Mas nós já não temos 18 nem 20 anos, temos experiência bastante para não deixar que isso aconteça e o que temos é de ver como fazer a nossa experiência penetrar a grande máquina e construir um movimento revolucionário e anti-imperialista. O nosso horror do Partido Comunista é precisamente por ver o que lhe aconteceu quando ele decidiu ir ao encontro das estruturas económicas existentes, fazer contactos...

«Milestones» uma viragem

EXP — O que pensa do que fez aqui?

R.K. — Fiz dois tipos de filmes: de ficção e os documentários. Com estes últimos, sinto-me totalmente satisfeito, com os primeiros, tenho dúvidas...

EXP — Os seus filmes de ficção são, além dos três que já disse, o "Ice", não é? E os documentários?

R.K. — Foi o "Fain" e "People's War" (sobre o Vietname), além de diversos feitos para o "Newsreel". Dos outros "Ice" é o que tem sido mais utilizado. É sobre o movimento



Da nossa enviada Helena Vaz da Silva

manda todos estudar o que permite a todos ter tempo para pensar, e é por isso que há tanta resistência nas universidades... Mas creio que vai mudar. O dinheiro já não corre com tanta facilidade.

EXP — Onde vem o dinheiro para essas organizações?

R.K. — Uma vez é das famílias, outras da venda do trabalho altamente especializado de alguns militantes (que podem trabalhar uma semana e ganhar 10 mil dólares ou assim). Há também toda uma organização que lhes permite angariar fundos (restaurantes, armazéns, publicações, etc.)

A crise de dinheiro actualmente obriga as pessoas a sair e a estabelecer contactos com os meios de produção. Por exemplo, eu agora lá a Cannes. Chocou-me o funcionamento da indústria do cinema que lá era visível...

A primeira vez que entrei num estúdio foi cá em Portugal quando me levaram a ver um filme em preparação... Nunca estive numa escola de cinema...

armado nos E.U., é um filme muito forte.

Mas eu não consigo deixar de me sentir incomodado com uma certa distância que meus filmes de ficção... Com os filmes cubanos, sinto o mesmo. Por exemplo, "Lucia" é um filme bom e tudo mas fica lá longe... Não lhe sinto a força directa dos documentários...

EXP — Mas sente em relação a "Milestones"?

R.K. — "Milestones" foi feito num momento de pausa na minha actividade política. Foi em 1972, quando se assinou o acordo de paz em Paris. Foi um período importante para mim porque era a primeira vez que podia olhar em volta, ver as pessoas viver, não fazer mais nada se não isso...

acompanha a revolução política. Nós achamos que tem de andar de mãos dadas. Aliás, isso não é problema no Terceiro Mundo onde a construção do socialismo acontece enquanto lutam contra o imperialismo, as duas lutas são inseparáveis. Nós temos cometido alguns erros porque é difícil manter o equilíbrio entre a luta contra o poder do Estado e lutar contra o Estado dentro de nós próprios. Em certos períodos, cometemos um erro cultural, que foi darmos primazia absoluta à nossa luta interior...

Há uma série de problemas em aberto. Por exemplo, em relação aos movimentos de mulheres, deverá haver separatismo, será que compatível com uma organização marxista-leninista... Mas que a luta contra o sexismo tem de prosseguir, sem parar, dentro de todas as organizações, é uma evidência. Cá em Portugal, parece-me claro que, sendo as mulheres mais de metade da população, se a revolução se faz sem a sua participação activa, será uma revolução parcial. A luta contra o sexismo tem de fazer parte da revolução de cada um.

EXP — Há mais cineastas como V.? Pode dizer-se que há uma geração de gente como V.?

R.K. — Há muitos, que fazem sobretudo o material de documentários. Nomes, nem me lembro de nenhum...

EXP — Bom sinal, quer dizer que o sistema é mesmo diferente... Agora outra pergunta: V. vê cinema?

R.K. — Pouco. Em Cannes, não vi um único filme, passei o meu tempo a discutir com as

contradições, que são as de todos nós, também na América. Todos vimos da burguesia, e há muita coisa a mudar em nós próprios. Tem de haver uma opção clara na nossa parte: saber de que lado estamos. Escolher se queremos continuar a fazer filmes sobre problemas isolados que dizem respeito às coisas que de facto temos de largar se quisermos acompanhar o processo, ou se fazermos filmes que digam respeito à maioria das pessoas. E uma escolha difícil. Mas eu trocaria a oportunidade que tive de fazer "Milestones" pela possibilidade de me empenhar até no fundo no processo de construção do futuro. A razão porque eu

recuso encarar-me como um cineasta é também não querer sentir-me fora desse processo, num lugar à parte.

EXP — Em alguns dos nossos cineastas poderá haver de facto essa recusa em se inserir no processo, eles têm uma certa tendência para se encerrarem na sua condição de artistas, à espera que dinheiro e condições venham ter com eles. Foi isso que V. sentiu um pouco quando se referiu às contradições?

R.K. — Sim, creio que há muitas oportunidades para um cineasta entrar no processo revolucionário e completá-lo inventando a forma de o fazer. Se não será substituído, ultrapassado.

marque o seu lugar nas montras da Europa

Exportadores e industriais. Agora mais do que nunca é preciso que aqueles que tomam as decisões-chave em todo o mundo vos conheçam.

Porque são eles os únicos com autoridade para comprar as vossas mercadorias ou serviços e para investir em Portugal.

O vosso problema é chegar até eles. Isso pode ser feito pelo «FINANCIAL TIMES», de Londres, o jornal financeiro mais influente do mundo.

Na 2.ª-feira, dia 7 de Julho de 1975, o «FINANCIAL TIMES» publicará um suplemento especial, sobre a economia e política de Portugal. Este suplemento será lido por um grande número de homens-chave do governo e «leaders» de negócios em mais de 120 países, especialmente na Grã-Bretanha e no resto da comunidade económica europeia.

Estas personalidades são o vosso alvo. O «FINANCIAL TIMES», levar-vos-á ao encontro delas — economicamente.

Para tabelas de publicidade e uma sinopse do suplemento, contacte imediatamente o único representante em Portugal, Mr. C. J. S. Mumford.

THE FINANCIAL TIMES

Rua da Sociedade Farmacéutica, 20-4.ª. LISBOA
Telex. 574575

(prazo limite para recepção de anúncios — 23 de Junho)